

Quando o mar se agita

No início de março, o mundo chocou-se com imagens do maremoto que de forma rápida e quase inacreditável levantou barcos, arrastou carros e jogou ônibus sobre casas e prédios pelo litoral do Japão. A tragédia coloca em dúvida a segurança de cidades litorâneas, como o Rio de Janeiro, em relação a catástrofes naturais. O oceanógrafo e professor da Faculdade de Oceanografia Marcelo Sperle explica que não há registros de ocorrência de maremotos na costa brasileira há milhões de anos. Relatos apontam que esse tipo de acidente pode ter acontecido nesta região somente em tempos pré-históricos. Mas, se mesmo com pouca probabilidade, um maremoto chegar ao litoral fluminense, o oceanógrafo enfatiza: “Não estamos preparados”.

Para Sperle, o risco de um maremoto atingir o Brasil é mínimo, pois o país está dentro de uma placa tectônica e não nos limites desta. “Os tsunamis ocorrem basicamente por causa de um rebaixamento ou soerguimento abrupto

da costa oceânica, o que pode acontecer com maior intensidade nos limites tectônicos, liberando grandes tensões que deslocam toda a água sobre essa área.”

Com mais de 50 praias a capital do estado já sentiu reflexos de um maremoto. Em 2004, a onda que devastou a Indonésia chegou até a costa fluminense e em outros estados brasileiros distantes cerca de 20 mil quilômetros do epicentro do fenômeno. Sperler recorda os reflexos do acidente na época quando os marégrafos nacionais registraram variações de até 30 centímetros. “Dentro da Baía de Guanabara embarcações chegaram a se chocar umas com as outras”, lembra o professor.

O especialista avalia que, de forma geral, o país tem condições de detectar variações das marés, mas não está preparado para enfrentar maremotos. “Nosso sistema de bóias no Atlântico Sul ainda é muito precário”, considera. Sperle destaca, porém, iniciativas como o Programa Nacional de Bóias (PNBOIA) que vem sendo aprimorado

pela Marinha do Brasil com o apoio de várias instituições de pesquisa, inclusive a UERJ. O programa tem como objetivo a coleta de dados oceanográficos e meteorológicos, por meio de um sistema de bóias que transmitem dados em tempo real, via satélite. Sperle explica que, com isso, o número de bóias no Atlântico deverá aumentar consideravelmente.

O oceanógrafo também esclarece que estão sendo implantados projetos importantes como o programa Pirata (*Pilot Research Moored Array in the Tropical Atlantic*) que estudará as interações entre o oceano e a atmosfera para o entendimento das variações climáticas na região do Atlântico Tropical. Esta iniciativa prevê expandir a implantação de marégrafos e ondógrafos.

Para obter mais informações sobre o monitoramento de ondas e marés, Marcelo Sperle sugere como referência o site da Diretoria de Hidrografia e Navegação da Marinha: www.dhn.mar.mil.br.



Programa de televisão produzido por alunos da UnATI em parceria com CTE comemora três anos

Na década de 50, quando o Rio de Janeiro ainda era traçado por linhas férreas, havia um bonde que saía da Praça Tiradentes (Centro da Cidade) e cruzava o bairro de São Cristóvão até a chamada Rua Alegria, atual Prefeito Olympio de Melo. A lembrança desse tempo levou alunos de uma oficina da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI) e produtores do Centro de Tecnologia Educacional (CTE) a batizarem de Bonde Alegria um programa exclusivamente concebido, elaborado e produzido para o público da terceira idade. A produção completa três anos com a inauguração de um canal na Internet, o que antecipa o lançamento do programa na WebTV UERJ, que deverá ser inaugurada até o final de 2011.

O diretor e produtor do programa, Anderson Barreto, recorda que o Bonde Alegria nasceu de um projeto de curso para a UnATI idealizado em 2008 por ele e pela jornalista Verônica Dalcanal. “Pretendíamos oferecer uma oficina de jornalismo para a terceira idade com a finalidade de levar os alunos a uma visão crítica dos noticiários”, explica.

“É um exemplo de que nós, da terceira idade, somos capazes de produzir muita coisa boa”
Theca de Castro

A proposta foi além e se transformou no primeiro programa produzido, apresentado e direcionado a esse público. “Somos o primeiro telejornal do mundo produzido pela terceira idade”, comemora Theca de Castro, uma das primeiras alunas da oficina e integrante da equipe de produção desde a primeira edição do programa. “Sinto-me como uma das mães do Bonde. O programa é uma lição para quem já passou dos 60 anos. Esse é um exemplo de que nós, da terceira idade, ainda somos capazes de produzir muita coisa boa e in-

teragir muito bem com jovens, como os nossos produtores.”

O programa aborda temas como saúde e cultura e apresenta entrevistas com artistas que fizeram parte da história dos alunos, como Dóris Monteiro, Luís Vieira, Adelaide Chiozzo e outros. A pauta é definida a partir das aulas da oficina. “Conversamos sobre quais os temas que eles gostariam de ver no programa. Dessa forma montamos as pautas de forma coletiva”, relata o diretor.

Atualmente o programa é transmitido pelo canal da Assembléia Legislativa (TV Alerj), e sua versão para Internet é por meio do portal Youtube, no endereço www.youtube.com/bondealegria. Para participar da oficina não há pré-requisitos. “Não tem porta fechada para ninguém, pois aqui queremos dar espaço e voz a um grupo marcado principalmente pela pluralidade”, diz Anderson. Os interessados podem procurar a UnATI, no 10º andar do Pavilhão João Lyra Filho, *campus* Maracanã. Contato: 2334-0089.



Theca de Castro é uma das alunas da turma da oficina que participa da produção e apresentação do programa Bonde Alegria desde a primeira edição em 2008

Nalva Pereira Caldas, Coordenadora do Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem Professora Emérita serve de exemplo para Universidade

Aos 80 anos, a professora Nalva Pereira Caldas esbanja vitalidade. Mesmo aposentada, vem à UERJ quase diariamente para coordenar o Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem, inaugurado no dia 18 de junho de 1998. No acervo, podem ser encontrados documentos como legislações, normas, edições do boletim Enfolha, correspondências e informações sobre alunos de graduação, pós e extensão. Nesta entrevista, a professora relembra momentos da carreira e fala sobre o Centro, que leva o seu nome.

Como foi a sua trajetória na UERJ?

Nasci em Aracaju e vim estudar na Escola de Enfermeiras Raquel Haddock Lobo (atual Faculdade de Enfermagem da UERJ) porque em Sergipe não havia instituições desse tipo. Na época, as escolas de enfermagem eram obrigadas a manter internatos para seus alunos. Vim para o Rio de Janeiro, mas meus pais e meus irmãos ficaram. Na década de 60, quando fui diretora da unidade, trabalhei pela integração da Escola (que pertencia à Secretaria Estadual de Saúde) à então Universidade do Estado da Guanabara (UEG), com estímulo do professor Américo Piquet Carneiro. Após a integração, o primeiro diretor da Faculdade foi o professor Lafayette Silveira Martins Rodrigues Pereira, que me convidou para ser a vice-diretora. Foi na gestão dele que a Escola passou a se chamar Faculdade de Enfermagem da UERJ.

Que lembranças a UERJ deixará na sua memória?

Quando fizemos a emenda ao projeto de lei que criou a UEG, substituímos o nome Escola de Enfermeiras por Escola de Enfermagem, o que nos permitiu admitir também homens. Esse foi um marco, assim como o início da qualificação dos professores. Enviamos



docentes para São Paulo para fazer cursos. Ainda não havia mestrado, mas tivemos professores que foram estudar em outras instituições. No momento, não possuímos docentes sem mestrado e grande parte já possui doutorado.

Como surgiu a ideia de criar o Centro de Memória?

Quando me inscrevi no concurso para professor titular, que exigia a apresentação de uma tese. Resolvi pesquisar sobre a história da Faculdade de Enfermagem. Os documentos estavam disponíveis, mas não organizados. Para que eu pudesse ter acesso melhor a eles, iniciei o trabalho com apoio da então diretora Maria Therezinha Nóbrega da Silva. Posteriormente, tive um projeto contemplado pelo CNPq e consegui comprar equipamentos, móveis e o arquivo. Trabalhei de 1993 a 1998 na organização dos documentos. Em 1998, a Faculdade fez 50 anos e inauguramos o Centro. Nesse mesmo ano me aposentei. Atualmente, possuímos um minimuseu, com materiais utilizados principalmente nos primeiros anos de

funcionamento da Escola, um acervo fotográfico e sonoro. Estamos abertos a visitas, de segunda a sexta-feira (exceto quinta-feira), de 14 a 17h. No momento temos quatro bolsistas porque no espaço, além do projeto que coordeno, também são realizados projetos das professoras Liany Comino (acervo fotográfico), Luiza Mara (organização dos documentos da graduação) e Sonia Acioli (informativo *Enfolha*).

Mesmo aposentada a senhora continua vindo à UERJ. Por quê?

É difícil desviar um professor da sala de aula para ficar à frente do Centro. Todos os documentos são classificados por mim. Usei muito dos conhecimentos do meu mestrado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas. Possuímos documentos administrativos e acadêmicos. Minha maior preocupação no momento é torná-los acessíveis e organizá-los. Além do Centro, também colaboro com o mestrado na disciplina de Pesquisa, dou uma aula para a graduação na disciplina História da Enfermagem e Ética Profissional. Sinto que sou bem-vinda.

Semana de Cultura Popular homenageia São Jorge com mesas-redondas, dança, fotografia e música

Ele é o santo carioca, por gosto e eleição popular. Tem feriado municipal, devoção nos botequins mais simples, nas músicas de muitos autores, em camisetas e adesivos. Jorge da Capadócia (região da Turquia) é o guerreiro que vence o dragão e também tema da Semana de Cultura Popular (SCP 2011) na UERJ, promovida pelo Departamento Cultural (Decult/SR3) e inaugurada no dia 4 de abril com a exposição do fotógrafo Vanor Corrêa, na Galeria Portinari, no campus Maracanã.

Resultado de três anos de trabalho de documentação das festas de São Jorge em suas igrejas, do Centro e de Quintino, nos dias 23 de abril, o ensaio fotográfico de Vanor, segundo ele mesmo, é um “observatório de expressões da fé”. “Direcionei o meu olhar para a festa de São Jorge enfatizando o comportamento dos seus fiéis na devoção anualmente demons-

trada, que mexe com o orgulho de ser devoto, por ter a proteção do santo guerreiro.” Além das fotografias, a exposição, que ficará em cartaz até 20 de maio, conta com pinturas e esculturas sobre o mesmo tema.

A abertura da Semana de Cultura Popular teve um espetáculo de dança da Companhia Folclórica do Rio de Janeiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e o Coral Altivoz. Na programação da Semana, houve ainda espaço para quatro mesas-redondas: “Mestiçagens e novos saberes: reflexões sobre o mundo religioso”, “Arte e Religião: objetos sagrados de produção popular”; “Formas contemporâneas de religiosidade popular” e “O saber do viver: reflexões de uma prática”. A exibição do documentário *Fé* foi acompanhada de debate. Com apoio da FAPERJ, os organizadores do evento planejam, até o mês de junho, uma publicação a respeito.

ORAÇÃO DE SÃO JORGE (Fragmento)

*Eu andarei vestido e armado,
com as armas de São Jorge.*

*Para que meus inimigos tendo pés
não me alcancem, tendo mãos não
me peguem, tendo olhos não me
enxerguem e nem pensamentos eles
possam ter para me fazerem mal.*

Quem foi Jorge, um dos mais populares santos do Rio de Janeiro? A professora Cásia Frade, do Decult, responde por meio de suas pesquisas: “Jorge, nascido na Capadócia, era de família ilustre e distinta por sua nobreza. Ainda jovem decidiu seguir a carreira das armas e logo ganhou as boas graças do imperador Diocleciano, que lhe confiou uma companhia e o nomeou ‘mestre de campo’. Com o surgimento da perseguição aos cristãos, decidiu protegê-los, seja repartindo todo o seu patrimônio, vendendo móveis, vestidos e jóias que pertenceram à sua mãe e distribuindo aos pobres, seja libertando todos os seus escravos. Mais tarde, criticou Diocleciano em sua decisão de perseguir os cristãos e recusou-se a renegar sua religião. Foi então torturado e, mártir, morreu no dia 23 de abril, no ano 303”.

Cultuado desde o século V, São Jorge foi sagrado patrono de Portugal pelo rei D. José I, que colocou sua imagem na procissão de Corpus Christi, montado num cavalo branco. No Brasil, a devoção a São Jorge também começou como cortejos, logo tornando-se a procissão mais concorrida da cidade do Rio de Janeiro. Exaltado na Umbanda e no Candomblé, São Jorge é sincretizado como Ogum, força de fé popular. Sua oração e sua imagem são conhecidas de memória por seus fiéis e são também das mais exaltadas entre as dos santos populares.



COLEÇÃO RAJADO CAVALCANTE



Reitor: Ricardo Vieira Vice-reitora: Christina Maioli
Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira Coordenação de Publicações: Carlos Moreno Reportagem: Janaina Soares, Lúcia Dantas e Zélia Prado Estagiário: Tadeu Goulart Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e editoração: Rafael Bezerra
• Tiragem: 2.000 exemplares Impressão: Gráfica UERJ • Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

